

Rumos da Luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

"A teoria se converte em uma força material tão cedo seja apreendida pelas massas". (KARL MARX)

Uma publicação da Célula Comunista de Trabalhadores (CCT) e da União Reconstrução Comunista (URC) rumosdaluta@gmail.com

Número #27

JANEIRO/2024

DAS REFORMAS REGRESSIVAS À LUTA DOS TRABALHADORES

Em 2024 novas lutas se colocarão no caminho dos trabalhadores e, como nos indicam os números dos últimos anos, haverá luta, haverá resistência, mas haverá disposição das centrais sindicais em unificá-las? Tudo indica que não, inclusive frente as características do ano. Precisamos seguir na resistência e buscar nos organizar para avançarmos em defesa dos interesses gerais da classe trabalhadora, para isso precisamos pressionar nossos sindicatos e, a partir deles, as centrais sindicais para que organizem uma luta consequente contra os governos e os seus patrões. Somente a luta organizada dos trabalhadores poderá fazer frente a destruição dos nossos direitos. E que façamos de 2024 um ano de luta! **LEIA MAIS NA PÁGINA 4**



Centenário da morte de Lenin

Leia mais nas página 6 e 8

ORGANIZAÇÃO: A ARMA DA CLASSE TRABALHADORA

Leia o Editorial na página 2



PÁGINA 7

A guerra de Israel contra as mulheres palestinas

Manoel Bomfim e a Questão Nacional no Brasil (parte I)

NACIONAL página 3

Venezuela e os limites do "Socialismo do Século XXI"

INTERNACIONAL página 5

ORGANIZAÇÃO: A ARMA DA CLASSE TRABALHADORA

A situação da maioria dos que trabalham no Brasil é terrível. O desemprego a rondar a porta, obrigando a aceitação de precárias condições de trabalho, muita gente trabalhando sem direitos, por longas jornadas, ganhando menos do que um salário mínimo.

Diante dessa realidade, muitos se perguntam: por que não se faz uma luta geral, na qual todo mundo participe?

Os trabalhadores das categorias que ainda conseguem resistir, se perguntam por que os trabalhadores de outras categorias não os apoiam quando realizam uma greve?

Por trás dessas perguntas, é o velho e sempre renovado problema da unidade dos trabalhadores, que precisa ser resolvido, para que possamos lutar de maneira eficaz contra a situação de miséria em que tantos vivem e que ameaça a outros tantos.

Do nosso ponto de vista, para resolver esse problema, devemos fazer essa discussão em nossos locais de trabalho, em nossos locais de moradia e em nossos locais de estudo.

Devemos lutar pela redução da jornada de trabalho para 35 horas semanais,

sem redução de salários, que é fundamental para abrir vagas de trabalho decentes para os mais jovens, e por salário igual para trabalho igual, medida fundamental para impedir que os patrões explorem a concorrência entre homens e mulheres por empregos. Essas são medidas que, de fato, apontam para a resolução dos nossos problemas.

A maioria das direções das centrais sindicais existentes no Brasil e vários entre os partidos que dizem representar os trabalhadores, não tem nenhum interesse em unificar os trabalhadores para lutar, porque estão a serviço da burguesia na luta de classes, ainda que, da boca para fora, digam o contrário.

O desafio que está colocado para as trabalhadoras e os trabalhadores brasileiros, nesse momento da nossa história é resistir aos ataques que estamos sofrendo, venham de onde vierem, e ao mesmo tempo, reconstruir as organizações que sirvam de fato para lutar por nossas necessidades contemporâneas. Os revolucionários e os patriotas devem estar à frente deste trabalho.

A solidariedade de classe é fundamental para que possamos enfrentar e ven-

cer esses desafios que se colocam diante de nós, em cada luta e em cada greve.

É preciso cobrar dos dirigentes sindicais uma postura ativa, para evitar que determinados setores das categorias fiquem expostos durante as lutas e sejam alvo fácil das represálias dos patrões.

É necessária uma maior participação nos sindicatos, inclusive para substituir, se for o caso, dirigentes que não estejam à altura das suas responsabilidades.

No ano de 2023, em todos os continentes, ocorreram lutas importantes, com destaque para as greves na Índia, as jornadas de luta na França, as greves nas montadoras nos EUA. Aqui no Brasil não foi diferente, como demonstra a matéria na página 4 desta edição que tens em mãos.

Tais movimentos indicam que podemos estar às portas de um período mais favorável para a resistência do proletariado, com o avanço das condições objetivas.

Devemos aproveitar esse momento aqui no Brasil para avançar no sentido que indicamos acima. Vamos trabalhar para que 2024 seja um ano marcado por lutas e vitórias da classe trabalhadora, no Brasil e nos demais países.



Manoel Bomfim e a Questão Nacional no Brasil (parte I)



Entre 2020 e 2022, nós, organizações que editam o Rumos da Luta, desenvolvemos a campanha “Brasil: pela Segunda e Definitiva Independência. Entre os objetivos daquela campanha estava o estudo e a divulgação da vida e da obra de personalidades que atuaram para mudar a nossa realidade em benefício da maioria do povo e por isso, buscaram compreender a nossa formação social.

Terminada a campanha, em 7 de setembro de 2022, aniversário dos 200 anos de nossa incompleta independência, continuamos o combate. Ano passado, realizamos seminários e debates sobre a questão nacional, abordando temas como a fome, a inflação e a Petrobrás. Por essa razão, apresentamos, a quem ainda não o conhece, uma pequena contribuição de Manoel Bomfim.

O faremos nesta e em nossa próxima edição, privilegiando os aspectos econômicos e políticos da obra de Bomfim. Sua contribuição, entretanto, engloba uma variedade de temas, tais como o racismo, área em que contestou àqueles que pretendiam explicá-lo com base na teoria da inferioridade de determinadas raças: Silvio Romero, para dar um exemplo.

No livro “Introdução ao Pensamento de Manoel Bomfim”, publicado pelo Instituto Mário Alves em 1993, Laércio Souto Maior dá uma notícia biográfica do mesmo: “O menor Estado brasileiro, Sergipe, é o berço do mais importante pensador político da América Latina, Manoel Bomfim, que nasceu na cidade de Aracaju, no dia 08 de agosto de 1868. Fez seus estudos primário e secundário na sua cidade natal. Em seguida matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia onde cursou os primei-

os anos. E, após transferir residência para Rio de Janeiro, doutorou-se em 1890 com tese Das Nephrites. Foi Tenente-Cirurgião da Brigada Militar da província do Rio e Janeiro, deputado federal integrando a ancada sergipana, Secretário de Educação do Distrito Federal, além de professor diretor do Instituto de Educação da Cidade do Rio de Janeiro”.

Em 1905, Bomfim publicou “A América Latina, Males de Origem”, que alguns consideram seu melhor livro. O mesmo foi reeditado pela terceira vez pela Topbooks em 2005, com prefácios de Darcy Ribeiro, Franklin de Oliveira e Azevedo Amaral. Nesta obra Bomfim defende que o parasitismo das metrópoles é o que explica os nossos “males de origem”. Na página 135, ele escreveu: “O regime parasitário sob o qual nasceram e viveram as colônias da América do Sul influiu naturalmente sobre o seu viver posterior, quando já emancipadas (...) Tais efeitos - gerais - compreendem três ordens de manifestação: o enfraquecimento do parasitado; as violências que se exercem sobre ele, para que preste uns tantos serviços ao parasita - além do encargo capital de nutri-lo; finalmente, a adaptação do parasitado às condições de vida que lhe são impostas”.

Mais adiante, na página 143: “São os efeitos econômicos os mais sensíveis nesse regime de colonização parasitária. Pode-se mesmo dizer que são os efeitos primordiais, aos quais se ligam os outros como efeitos secundários. Em si, o parasitismo das metrópoles, como o parasitismo social em geral, é um fenômeno de ordem econômica, cujos efeitos se refletem sobre toda a vida social. Essa afirmação equivale a um truísmo”.

Sim, é evidente o que afirmou Bomfim, mas daquelas evidências que são necessárias repetir de vez em quando, pois, como sabemos, as classes dominantes sempre dispuseram de sábios pagos para embalar as cartas, para confundir com suas explicações. Quando o autor escreveu essas linhas, era comum a afirmação, na Europa, de que não progredíamos em razão da mestiçagem, que éramos povos preguiçosos e ingovernáveis. E tais argumentos encontravam defensores aqui entre nós. Aliás, essa foi a razão para a sua contestação.

Nos dias que correm, estamos às vol-

tas com um debate sobre as finanças públicas, em torno de questões como o arcabouço fiscal e a reforma tributária. Os governantes e a imprensa burguesa fazem todo o possível para esconder das pessoas para onde vai a maior parte do que é arrecadado.

Em seu livro, Bomfim nos informa em nota que o “orçamento das despesas da República do Brasil é, para o ano de 1903, de 331.000:000\$000, (...) os quais se distribuem assim: máquina governamental: 122.000:000\$; serviços da dívida: juros, amortizações, resgates: 132.300:000\$; serviços de utilidade pública: 45.700:000\$. Deduzindo o que o governo recebe pelos serviços que presta, o seu gasto com esses serviços cai para apenas 31 mil contos.

Bomfim reforça: “Neste mesmo orçamento, observa-se um outro fato que denuncia a pouca atenção dos responsáveis pelas coisas públicas, quanto ao interesse das massas: é a desproporção enorme entre os impostos indiretos e as rendas diretas. Pode-se dizer que a receita é feita pelas contribuições indiretas. Ela é de 300 mil contos; deduzindo daí o preço dos serviços que o Estado vende ao público: estradas de ferro - fretes e arrendamentos, correios, telégrafos etc., reduz-se a receita a 285 mil contos, constituída pelos verdadeiros impostos. Pois bem, destes 285 mil contos, 255 mil são fornecidos por impostos indiretos - aduaneiros e de consumo; quer dizer, impostos que pesam tanto sobre as classes desfavorecidas, como sobre as abastadas; e como o número de pobres e desfavorecidos é muito maior, sucede que são as classes proletárias que concorrem com a maior parte das rendas públicas. (...) Sugerimos aos nossos leitores que comparem a execução orçamentária de 1903 com a dos últimos governos e verão sem dificuldade que qualquer semelhança não é mera coincidência.

Como se vê, se quisermos viver dias melhores, é necessário que nos livremos dos parasitas, dos de ontem que ainda estão por aí, dos de hoje, dos de fora e dos de dentro.

Para tanto, são necessárias profundas mudanças políticas e são os aspectos políticos da obra de Bomfim que resumiremos e comentaremos na próxima edição. Não percam!

rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

APOIE O JORNAL RUMOS DA LUTA!

Para viabilizar os custos do nosso jornal por mais um ano de vida, seguimos com o esquema de assinaturas únicas de apoio, no valor de R\$ 100 (cem reais), com a qual você passa a receber mensalmente em sua casa um exemplar e assim também contribui com o desenvolvimento da nossa publicação.

Se você tiver interesse em assinar e nos apoiar, envie um e-mail para rumosdaluta@gmail.com ou pelo site www.novacultura.info/jornal

ESTAMOS EM GREVE

Das reformas regressivas à luta dos trabalhadores

O ano de 2023 foi marcado por um conjunto de reformas regressivas aprovadas contra as massas trabalhadoras que nos indicam que 2024 não será mais favorável para nós.

O Governo Federal sob comando do petista Lula implementou uma série de reformas regressivas que atacam diretamente aos trabalhadores, todas já abordadas aqui, em edições anteriores do Rumos da Luta, Reforma Tributária, Arcabouço Fiscal e o Marco Temporal, são as principais delas, mas não podemos deixar de citar o aumento das Parcerias Público Privadas (PPP).

Uma matéria da revista Exame publicada em 10 de março do ano passado já indicava que o plano do Governo Federal seria ampliar as PPPs no plano de execução de obras públicas.

O plano de venda das empresas públicas encontra-se acelerado nos Estados, como recentemente acompanhamos, inclusive por aqui, nas páginas do Rumos da Luta, nos casos da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) e Metrô, todas empresas públicas administradas pelo Governo do Estado de São Paulo que tem a frente Tarcsio de Freitas do Republicanos.

Mas como estão então as lutas dos trabalhadores contra essas políticas dos diferentes governos e patrões?

Os dados divulgados indicam que as greves em 2022 tiveram uma alta de 48% em relação a 2021. Em 2022 foram 580 greves em empresas públicas e 426 greves em privadas.

Ainda não temos os dados completos de 2023, entretanto, estudo publicado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) informa que, no primeiro semestre de 2023, foram 339 greves em empresas públicas e 209 em privadas, ou seja, um aumento de 60,8% e 37,5%, respectivamente em relação a 2022.

No Brasil existem ao menos 16 centrais sindicais que funcionam independentes umas das outras, ou seja, cada uma delas aponta o nariz para os seus interesses, independentemente do que as outras centrais pensam a respeito.

Em comum estas centrais têm o mesmo interesse: confundir as massas trabalhadoras.

Se observarmos os números de greves durante o primeiro semestre do primeiro ano do Governo Lula (PT) e o expressivo aumento percentual em relação à 2022, percebemos que existe uma enorme disposição dos trabalhadores em enfrentarem todas as reformas regressivas dos governos, bem como os desmandos dos patrões, entretanto, também devemos concluir que cada categoria tem resistido solitariamente e que não existe disposição de partidos ou das centrais sindicais em unificarem estas lutas, fortalecendo, não somente a luta das categorias, como também das massas trabalhadoras na defesa dos seus interesses mais gerais.

O que podemos observar é que, assim como nos governos anteriores, as centrais sindicais continuam trabalhando para não unificarem as demandas individuais

das categorias, conciliando estas demandas com os interesses gerais da classe em uma luta sólida contra governos e patrões, na verdade, é conhecida a orientação das centrais em não organizarem as lutas contra as medidas do governo petista.

Todas as reformas regressivas aprovadas em 2023, no atual governo Lula, foram aprovadas sem que houvesse nenhuma luta contrária.

Em recente luta contra as privatizações no Estado de São Paulo as críticas dos partidos da esquerda da ordem e das suas centrais estavam direcionadas somente aos governos Estadual e Municipal, em frontal interesse eleitoral, mas ignoravam, propositadamente, a existência do governo Federal.

Em 2024 novas lutas se colocarão no caminho dos trabalhadores e, como nos indicam os números dos últimos anos, haverá luta, haverá resistência, mas haverá disposição das centrais sindicais em unificá-las?

Tudo indica que não, inclusive frente as características do próximo ano.

Precisamos seguir na resistência e buscar nos organizar para avançarmos em defesa dos interesses gerais da classe trabalhadora, para isso precisamos pressionar nossos sindicatos e, a partir deles, as centrais sindicais para que organizem uma luta consequente contra os governos e os seus patrões.

Somente a luta organizada dos trabalhadores poderá fazer frente a destruição dos nossos direitos. E que façamos de 2024 um ano de luta!

CAMPANHA PELA JORNADA DE TRABALHO DE 35 HORAS. No próximo dia 17 de fevereiro será realizada uma reunião sindical para debate sobre a “Conjuntura e Desafios do Sindicalismo classista dos Trabalhadores”, além da discussão de OLT (organização no local de trabalho), questões da campanha e encaminhamentos. A atividade ocorrerá na EMEF Dama Entre Rios Verdes, entre 14h e 17h, na Avenida Fernando Figueiredo Lins, 1194 (usar como ponto de referência a Praça Mãe Preta), no Parque Santa Rita, na cidade de São Paulo.

VENEZUELA E OS LIMITES DO “SOCIALISMO DO SÉCULO XXI”

No final de 2023, a Venezuela voltou aos noticiários no nosso país como um agente de uma iminente guerra contra a Guiana, após um referendo feito no país com a participação de mais de 10 milhões de venezuelanos e venezuelanas que concordaram com a reivindicação do território de Essequibo.

Com 160 mil km², o território do Essequibo está localizado nos limites fronteiriços dos estados venezuelanos Bolívar e Delta Amacuro com o Rio Essequibo, possui cerca de 120 mil habitantes e baixa densidade demográfica, já que em sua maioria é formado por florestas. Considerando o território da Guiana, a região representa dois terços da totalidade.

Apesar de ter sido apresentado com um mero capricho do “ditador” Nicolas Maduro, a disputa por esse território se estende há mais de um século. Após as guerras de independência da América espanhola no século XIX, o imperialismo britânico ocupou essa região em disputa e tal fato foi contestado após a independência da Venezuela. Contudo, em um processo dirigido a atender os interesses britânicos, em 1899 um grupo de juristas apresentaram o chamado Laudo de Paris, que definia que o domínio da região era do império europeu. Diante do caso claramente fraudulento, os governos da Venezuela reivindicam a resolução da questão desde a década de 60 do século XX, com idas e vindas em negociações até hoje não finalizadas.

Mesmo tratando de um território ainda contestado, a Guiana desde 2015 após a descoberta de enormes reservas marítimas de petróleo em sua costa e no mar de Essequibo, entregou a exploração do recurso a Exxon Mobil, a grande petrolífera do imperialismo ianque, que vem aumentando a produção e gerando riquezas para si cada vez maiores.

Por esse motivo é que o governo de Nicolas Maduro voltou a buscar a resolução e a reconstituição do território da Venezuela com Essequibo.

E é justamente pela questão do Petróleo é que os governos bolivarianos da Venezuela, de Chávez a Maduro, foram colocados como ponto chave para os Estados Unidos garantir sua hegemonia na América Latina e na questão do petróleo. O governo de Maduro chegou a ser colocado como uma “ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos” na última década, ampliando cada vez mais as sanções ao petróleo e ao gás produzido no país, um dos maiores produtores do mundo.

Não à toa, a Venezuela é tratada aqui no Brasil pela direita e pela grande mídia como uma ameaça, um país “socialista” que não pode ser exemplo.

Desde a primeira eleição de Hugo Chávez e suas reformas sociais bancadas pela indústria do petróleo no país, a experiência bolivariana (que depois seria até mesmo a ser caracterizada como “socialismo do século XXI) foi alçada como uma



referência para as esquerdas na América Latina, guiando de certa forma a onda de governos chamados progressistas na primeira década do século, que incluía distintos presidentes na Bolívia, Equador, Argentina, Uruguai e até mesmo o Brasil.

Contudo, mesmo com os avanços conquistados e um certo crescimento político, o processo bolivariano estagnou diante de limitações políticas acerca do que chamavam de revolução. E desde então o país sofre com as ofensivas do imperialismo norte-americano e as flutuações do mercado mundial e a crise geral do capitalismo. Em muitas ocasiões a crise política também ficou aguda, com tentativas de desestabilização e até mesmo governos paralelos tentam se impor com apoio das potências estrangeiras.

Por isso, para além da justa reivindicação do território de Essequibo, fica claro que se trata também de uma medida para buscar mais coesão nacional diante de mais um processo eleitoral nacional que se aproxima. Os erros cometidos pelo

governo Maduro e do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) podem causar perda do apoio popular que o sustentou até aqui, mesmo com os problemas que tiveram que enfrentar diante do assédio do imperialismo e problemas de abastecimento causados pelo embargo econômico.

SOLIDARIEDADE AO PARTIDO COMUNISTA DA VENEZUELA: um problema que foi destacado na discussão do Movimento Comunista Internacional foi a intervenção realizada no Partido Comunista da Venezuela (PCV), que a partir de uma manobra jurídica inaceitável usurpou os símbolos e a legenda política dos militantes do partido, que hoje fazem oposição ao governo. A partir de uma demanda injusta de supostos militantes alheios ao partido, a justiça venezuelana fez uma intervenção ilegal contra a direção do PCV e destituiu militantes históricos do partido. Trata-se de um problema grave e uma violação dos direitos políticos e democráticos de uma parcela dos trabalhadores e trabalhadoras do país.

“As Tarefas da Juventude” (V.I. Lenin)



Por ocasião do centenário da morte de V.I. Lenin publicamos abaixo a abertura de seu histórico discurso no III Congresso de Toda a Rússia da União Comunista da Juventude da Rússia em 2 de outubro de 1920

Devemos deter-nos tanto mais nesta questão quanto se pode dizer, em certo sentido, que é precisamente à juventude que incumbe a verdadeira tarefa de criar a sociedade comunista. Porque é evidente que a geração de militantes educada na sociedade capitalista pode, no melhor dos casos, realizar a tarefa de destruir as bases do velho modo de vida capitalista baseado na exploração. No melhor dos casos poderá realizar a tarefa de criar um regime social que ajude o proletariado e as classes trabalhadoras a conservar o poder nas suas mãos e a criar uma sólida base, sobre a qual só poderá edificar a geração que começa a trabalhar já em condições novas, numa situação em que não existem relações de exploração entre os homens.

Pois bem, ao abordar deste ponto de vista a questão das tarefas da juventude, devo dizer que essas tarefas da juventude em geral e das uniões da juventude comunista e de quaisquer outras organizações em particular poderiam exprimir-se com uma só palavra: a tarefa consiste em aprender.

Naturalmente, isto não é mais que “uma só palavra”. Ela não dá ainda respostas às perguntas principais e mais essenciais: que aprender e como aprender? E aqui toda a questão está em que, juntamente com a transformação da velha sociedade capitalista, o ensino, a educação e a formação das novas gerações, que criarão a sociedade comunista, não podem ser os antigos. O ensino, a educação e a formação da juventude devem partir do material que nos ficou da velha sociedade. Só poderemos construir o comunismo com a soma de conhecimentos, organizações e instituições, com a reserva de forças e meios humanos que nos ficaram da velha sociedade. Só transformando radicalmente o ensino, a organização e a educação da juventude conseguiremos que os esforços da jovem geração tenham como resultado a criação duma sociedade que não se pareça com a antiga, isto é, da sociedade comunista. Por isso precisamos de nos deter pormenorizadamente naquilo que devemos ensinar e como deve aprender

a juventude se quiser realmente justificar o nome de juventude comunista, e como prepará-la para que seja capaz de acabar de construir e completar aquilo que nós começámos.

Devo dizer que a primeira resposta, e, ao que parece, a mais natural, é que a união da juventude e toda a juventude em geral que queira passar ao comunismo tem de aprender o comunismo.

Mas esta resposta, “aprender o comunismo”, é demasiado geral. De que é que necessitamos para aprender o comunismo? Que é que necessitamos de escolher, da soma de conhecimentos gerais, para adquirir o conhecimento do comunismo? Aqui ameaça-nos toda uma série de perigos, que se manifestam a cada passo quando se coloca incorrectamente a tarefa de aprender o comunismo ou quando ela é compreendida duma maneira demasiado unilateral.

À primeira vista, naturalmente, surge a ideia de que aprender o comunismo é assimilar a soma de conhecimentos que se expõem nos manuais, brochuras e trabalhos comunistas. Mas isso seria definir de um modo demasiado grosseiro e insuficiente o estudo do comunismo. Se o estudo do comunismo consistisse unicamente em assimilar aquilo que está exposto nos trabalhos, livros e brochuras comunistas, poderíamos obter com demasiada facilidade exegetas ou fanfarrões comunistas, o que muitas vezes nos causaria danos e prejuízo, porque esses indivíduos, depois de terem aprendido e lido aquilo que se expõe nos livros e brochuras comunistas, seriam incapazes de combinar todos esses conhecimentos e não saberiam agir como o exige realmente o comunismo.

Um dos maiores males e calamidades que nos ficaram da velha sociedade capitalista é o completo divórcio entre o livro e a vida prática, pois tínhamos livros onde tudo era pintado com o melhor aspecto e estes livros, na maior parte dos casos, eram a mentira mais repugnante e hipócrita, que nos desenhava falsamente a sociedade capitalista.

Por isso seria extremamente incor-

reta a simples assimilação livresca daquilo que dizem os livros sobre o comunismo. Os nossos discursos e artigos de agora não são uma simples repetição daquilo que se disse antes sobre o comunismo, pois os nossos discursos e artigos estão ligados ao nosso trabalho quotidiano e multilateral. Sem trabalho, sem luta, o conhecimento livresco do comunismo, adquirido em brochuras e obras comunistas, não vale absolutamente nada, porque prolongaria o antigo divórcio entre a teoria e a prática, esse antigo divórcio que constituía o mais repugnante traço da velha sociedade burguesa.

Seria ainda mais perigoso se começássemos a assimilar apenas as palavras de ordem comunistas. Se não compreendêssemos a tempo este perigo e se não orientássemos todo o nosso trabalho para eliminar este perigo, a existência de meio milhão ou de um milhão de jovens rapazes ou raparigas que depois de tal estudo do comunismo se chamassem comunistas apenas traria um grande prejuízo à causa do comunismo.

Aqui coloca-se-nos a questão de saber como combinar tudo isto para aprender o comunismo. Que é que devemos tomar da velha escola, da velha ciência? A velha escola declarava que queria criar homens instruídos em todos os domínios e que ensinava as ciências em geral. Sabemos que isso era pura mentira, pois toda a sociedade se baseava e assentava na divisão dos homens em classes, em exploradores e oprimidos. Como é natural, toda a velha escola, estando inteiramente impregnada de espírito de classe, só dava conhecimentos aos filhos da burguesia. Nessas escolas, a jovem geração de Operários e camponeses não era tanto educada como treinada no interesse dessa mesma burguesia. Educavam-nos para preparar para ela servidores úteis, capazes de lhe dar lucros, e que ao mesmo tempo não perturbassem a sua tranquilidade e ociosidade. Por isso, ao rejeitar a velha escola, propusemo-nos a tarefa de tomar dela apenas aquilo que nos é necessário para conseguir uma verdadeira formação comunista. (...)

A guerra de Israel contra as mulheres palestinas



Noor estava grávida quando Israel ordenou que ela deixasse seu apartamento na Cidade de Gaza. Enquanto se movia para o sul, ela sentiu fortes dores no abdômen. A dor se intensificou, mas ela fez o possível para escondê-la. Embora a dor tenha desaparecido passado algum tempo, ela encontrou mais problemas depois de se abrigar – juntamente com o seu marido e dois filhos – na casa do seu tio em Rafah, a cidade mais a sul de Gaza.

Cada vez que havia um bombardeio na vizinhança, Noor sentia mais dores abdominais, seguidas de sangramento. Preocupada com a possibilidade de um aborto espontâneo, ela foi à maternidade al-Helal al-Emirati, em Rafah, acompanhada pela tia. A seção de imagens do hospital estava lotada quando ela chegou. Havia apenas cinco leitos disponíveis na seção e apenas um médico. No entanto, havia dezenas de mulheres grávidas. Depois de esperar três horas, uma enfermeira chamou o nome de Noor. Noor foi convidada a deitar-se em uma cama para que pudesse ser examinada.

Noor contou a um dos funcionários do hospital sobre as dores e o sangramento que estava sentindo. Ela foi informada de que tais problemas eram provavelmente

causados pelo estresse constante e pelo medo de viver uma guerra.

Logo após aquela viagem, Noor – então grávida de sete meses – sentiu que estava entrando em trabalho de parto. Ela foi levada ao hospital de carro. Como não havia leitos disponíveis, ela teve que dar à luz numa sala de espera. Seu novo bebê era um menino chamado Ahmad. Ele pesava apenas um quilo e meio. Ahmad foi colocado em uma incubadora. Nas duas semanas seguintes, ele ganhou 500 gramas de peso.

“Quando o tirei da incubadora, não sabia o que ele deveria vestir”, disse Noor. “Não encontrei nenhuma roupa de bebê nas lojas. Minha tia pegou emprestadas algumas roupas de inverno dos vizinhos, mas não conseguiu encontrar latas de leite para bebês suficientes para ele nas farmácias”.

A história acima foi relatada por Khuloud Rabah Sulaiman, jornalista que vive em Gaza e acompanha o desenvolvimento do genocídio levado a cabo pelo governo do Estado de Israel há mais de 100 dias sob a justificativa de uma guerra contra o Hamas, mas que cada vez fica mais claro o alvo: os civis palestinos, principalmente mulheres e crianças.

Noor é só mais uma das cerca de

50 mil mulheres grávidas na região segundo a ONU, vítimas da guerra sangrenta e psicológica contra todo o povo palestino para obrigá-los a abandonar sua terra e abrir caminho para o avanço da colonização sionista. Não é à toa que recebemos diariamente as imagens de bairros e cidades devastadas, sem nenhum prédio em pé e a invasão e destruição de todos os hospitais existentes na Faixa de Gaza e o ataques aos médicos e socorristas que seguem trabalhando para ajudar os palestinos mesmo sob os bombardeios e franco atiradores que todo dia martiriza dezenas de palestinos. Além do uso da escassez de alimentos, água e combustível como arma contra o povo palestino.

Em dezembro, o Ministério da Saúde palestino em Gaza, já havia destacado que dos quase 19 mil mortos pelos ataques sionistas, 70% eram mulheres e crianças. O número segue aumentando e as mulheres e mães palestinas são os alvos preferenciais do governo de Israel, porque sempre representaram a resistência na perpetuação do povo palestino, que vive sob o colonialismo israelense há 75 anos, despojados de direitos e de sua soberania.

Movimento Vila Yolanda (MOVY) realiza formação sobre a Palestina e a luta das mulheres refugiadas



Em outubro de 2023, o Estado de Israel, iniciou uma nova ofensiva sobre a Faixa de Gaza em resposta às ações empreendidas pelo Hamas e outras organizações que lutam pela libertação nacional palestina.

Diante da manipulação da mídia burguesa acerca dos acontecimentos, os militantes do MOVY, decidiram realizar um

encontro formativo para compreender a realidade ocultada por interesses de grupos sionistas.

Assim na sua décima primeira reunião em 18 de novembro de 2023, o MOVY realizou um encontro com o tema “Palestina: uma história de resistência contra o genocídio” com a participação de Paulo Vergílio, Doutor em Educação e Professor de História da Rede Pública Municipal de São Paulo e de Nour Shahin, estudante de Educação Física e refugiada Palestina no Brasil desde 2007.

O Professor Paulo, apresentou a história da Palestina, destacando o processo de expropriação da terra e limpeza étnica e sobre os campos de refugiados, principalmente a partir de 1948 com a autoproclamação do Estado de Israel, data lembrada pelo povo palestino como Nakba (Catástrofe, em árabe).

A Organizações das Nações Unidas (ONU) reconheceu e recomendou, 1967, a partilha do território da Palestina histórica ocupada, em parte, por Israel. Mesmo diante deste reconhecimento, o Estado Sionista continuou e ampliou a ocupação de terras, expropriando as famílias palestinas e proibindo seu retorno a sua terra.

Discorreu ainda sobre as aprovações de leis com caráter racista e discriminatórias do Estado de Israel, contra os palestinos e a construção do muro entre a Faixa de Gaza e Israel.

Nour Shahin, que é esposa de Paulo, trouxe ricos relatos da sua vida como refugiada, destacando que ainda criança sua família foi expulsa da Palestina e viveram no Iraque até a invasão deste país pelos Estados Unidos em 2003, justificada por acusações mentirosas de possuir armas de destruição em massa.



A INSCRIÇÃO INVENCÍVEL (Bertolt Brecht)

No tempo da Guerra Mundial
Em uma cela da prisão de San Carlo
Cheia de soldados aprisionados,
de bêbados e ladrões
Um soldado socialista riscou
na parede com um estilete:
VIVA LENIN!
Bem alto na cela meio escura,
pouco visível, mas
Escrito com letras imensas.
Quando os guardas viram, enviaram
um pintor com um balde de cal
Que com um pincel de cabo longo
cobriu a inscrição ameaçadora.
Mas, como ele apenas acompanhou
os traços com cal
Via-se agora em letras brancas,
no alto da cela:
VIVA LENIN!
Somente um segundo o pintor
cobriu tudo com pincel largo
De modo que durante horas
desapareceu, mas pela manhã
Quando a cal secou, destacou-se
novamente a inscrição:
VIVA LENIN!
Então enviaram os guardas um pedreiro
com uma faca para eliminar a inscrição.
E ele raspou letras por letras,
durante uma hora
E quando terminou, lá estava no
alto da cela, incolor
Mas gravada fundo na parede,
a inscrição invencível:
VIVA LENIN!
Agora derrubem a parede!
disse o soldado.



“Lenin em outubro”: um clássico do cinema soviético

Segundo Anatóli Lunatcharski, então Comissário do Povo (equivalente a ministro) para a Educação da URSS, em fevereiro de 1922 VI. Lenin teria lhe dito em conversa que “o cinema é para nós a arte mais importante” e que os filmes tinham que ser de entretenimento e científicos, ao mesmo tempo que se deviam proibir os filmes contrarrevolucionários.

Portanto, não foi por acaso que o cinema se desenvolveu grandemente no primeiro país socialista do mundo e cumpriu um papel fundamental na cultura e na educação dos povos soviéticos por décadas.

Por isso Lunatcharski dirigiu um processo de popularização do cinema, defendendo que “o baixo custo e a simplicidade técnica de reprodução dos espetáculos cinematográficos, a perfeição técnica de uma lente para a qual nada é proibido, onde o olho humano pode ver tudo, mesmo equipado de dispositivos telescópicos e microscópicos, combinados à liberdade excepcional de montar ao seu gosto os elementos do material fotografado – tudo isso torna o cinema uma incontestável arte de massa, a arte mais popular que se pode encontrar”.

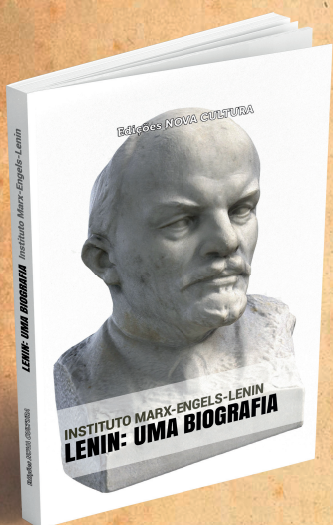
Para ele e os bolcheviques era necessário que o acesso ao cinema fosse um direito dos trabalhadores e trabalhadoras do país, que cada habitante da URSS tivesse a total oportunidade de desfrutar de um

espetáculo de cinema quando quisesse, não só nas cidades como no campo.

E o plano foi cumprido. Foi criada uma indústria cinematográfica pulsante na URSS, que pode proporcionar inúmeros clássicos, desde filmes contando as histórias recorrentes dos homens e mulheres que construíam a experiência socialista, como também aqueles filmes que resgatam a grande história da Revolução de Outubro.

É o caso da obra “Lenin em Outubro”, de 1937 e dirigido por Dmitri Vasilev e Mikhail Romm, que se tornou rapidamente um grande material de educação para todos sobre a grandiosidade e os fatos da revolução levada a cabo pelos bolcheviques. O filme apresenta o contexto inicial, com a saída da Rússia da Primeira Guerra Mundial já como fruto da heroica luta dos operários e camponeses russos, até a chega de Lenin, que havia partido da Finlândia até Petrogrado em 1917, aqui retratado como um dos pontos decisivos para o triunfo da revolução naquele outubro. A obra traz Boris Shchukin no papel de Lenin, Viktor Ganshin como Zhukov, Aleksandr Kovalevsky como Kerensky e Semyon Goldshtab no papel de Stalin.

Um filme que é indicado a todos que queiram não somente consumir cinema de alta qualidade, mas também conhecer melhor aquele outubro que mudou o destino do mundo para sempre.



LENIN: UMA BIOGRAFIA

Biografia soviética produzida na década de 40 pelo Instituto Marx-Engels-Lenin sobre a vida e a obra do grande líder bolchevique. Em um longo trabalho o livro conta toda a vida revolucionária de Vladimir Ilich Ulianov, de como soube apreender o marxismo e desenvolvê-lo a partir da realidade russa e assim construir o partido de novo tipo que dirigiu a primeira revolução proletária da história da humanidade. A obra destaca também a firme luta em defesa do marxismo contra oportunistas e revisionistas que buscavam sabotar a via revolucionária do proletariado de todo o mundo.